

Rio, 16 de junho de 1838. -

Minha boa e querida amiga!

Pelo ultimo vez por nós mechei carta tua e já pensava que nós me ti-
nhas escripto, que estais longe, sem
da vontade de encontrar, por acaso,
a ell. na rua, talvez, que nós me
tinhas esquecido ainda e que dantes
~~de uma carta d'ella me haviam~~
enviado antes, como elle dizia.
Elle, porém, affirmou-me que
tal carta cá não chegou! Vais
ficar afflicto, sem duvida, mas
não tens razão para isto! Lembra
bracho da juizo, que a respeito da
ell. estemaste em uma saque-
las noites venturosas em que san-
tiámos nossas carências batendo? De-
ves estar humilhado, com certeza. Po-
is bem, sabes que antes te-cantava

viri; mas offereço-te que a-fiz se-
mentra porque goste de ser bom
e sério. Na queda da consciência pen-
sava como tu! Tuda para dizer-te
que a' elle não é tua amiga, e não
nem é nem de filhas... finge-se pa-
ra tirar de ti a noiva prometida! Por-
tanto assim, ~~estás com medo de~~ que
ella venha a carta, lê-a e respon-
de! Para que, perguntarás tu? Para
te o prazer de enganar, e' que se ha-
bituar! ellas dizem-se isto e felle-
mos de ti, minha filha, de ti que
me vejo dormindo, ou velando; na
rua, no theatro, ou em casa! Co-
mo vais tu? Como vives? Ainda
inda alguma sandade de mim; sen-
te alguma vez minha pequena
necessidade de mim o teu amigo

amigo ajoelhado a' seus pés hei-
jando - De os assistir? Quem sabe,
minha filha, se por não saber, sa-
tisfeito com elle e nem mais
tr. lumbros de moços bonos, que dá
hi sabio, com a carreira rascada e
a alma angustiada, pelo desgosto
de perder a ella nos; não expus
isto a minha amiga sincera;
a mulher sublime, que se calis
nos foi por falta de meios da
honra, mas pela fatalidade....
Continuo a' esperar uma carta,
minha me estrangeira, ou no
Rio grande da Sul. Para onde foi
despachada pedirei immmediata-
mente. Cri, poms, que vejo
a estatueira, nem o tempo de
vivirmos a' minha officina

